

I

IRMÃS

Ursula e Gudrun Brangwen estavam nessa manhã sentadas à janela da sua casa, em Beldover, trabalhando e conversando. A primeira ocupava-se num bordado de cores vivas e cintilantes, a outra desenhava sobre uma prancheta colocada em cima dos joelhos. Na maior parte do tempo mantinham-se em silêncio, e só abriam a boca se um pensamento lhes atravessava o espírito.

— Ursula — disse Gudrun —, realmente não tens vontade de casar?

— Ursula descansou o bordado no regaço e encarou a irmã, sem abandonar o seu ar calmo e reflectido.

— Não sei — replicou. — Depende da interpretação que lhe dás.

Gudrun, um pouco embaraçada, observou a outra por instantes.

— Essa agora! — respondeu ela, com ironia. — A interpretação é só uma. Não te parece — continuou, tornando-se mais séria — que melhoravas muito a tua situação?

Passou uma nuvem sobre o rosto de Ursula.

— Não digo que não. Mas o caso é que não tenho a certeza.

Gudrun calou-se, levemente irritada. Desejava um esclarecimento mais categórico.

— Parece-te dispensável a *experiência* do casamento?

— E tu crês que seria, de facto, uma coisa nesse género? — voltou Ursula.

— De uma maneira ou de outra, tem obrigação de ser — disse friamente Gudrun. — Talvez não seja nada que se deseje, mas não deixa de ser uma experiência.

— Nem por isso. Mais provavelmente poderíamos dizer que é o ponto final das experiências.

Gudrun permaneceu calada, a cogitar no problema.

— Sem dúvida — declarou por fim —, temos de considerar esse aspecto. — Com estas palavras a conversa interrompeu-se. Gudrun, quase colérica, pegou na borracha e apagou parte do desenho que estava a fazer. Ursula absorveu-se na costura.

— O que pensarias dum pedido de casamento? — perguntou aquela.

— Já tenho rejeitado alguns.

— Sim? — exclamou Gudrun, corando. — Propostas realmente convidativas? E tu recusaste?

— Mil libras de rendimento anual e um homem deveras cativante.

— Imagine-se! E não sentiste nenhuma tentação?

— Em teoria, sim; mas, na prática, nem por isso. Quando se chega a essa altura, não há tentação; se eu a tivesse, havia casado sem mais demora. Senti-me apenas tentada... a dizer que não. — E as duas irmãs olharam uma para a outra, divertidas.

— É extraordinária a vontade que temos de dizer às vezes que não! — observou Gudrun. Riram, mas, no íntimo dos seus corações, havia um pouco de receio.

Reinou de novo o silêncio. Ursula cosia e Gudrun continuava a desenhar. Eram já mulheres feitas: a primeira tinha vinte e seis anos, a segunda vinte e cinco; ambas, porém, com esse olhar remoto, virginal, das raparigas modernas, mais irmãs de Artémia do que de Hebe. Gudrun era, na verdade, bela, tranquila, de pele aveludada e braços roliços. Estava vestida de azul-escuro, com uma guarnição de rendas azuis e verdes no pescoço e nas mangas, e meias de um tom verde-esmeralda. O seu ar discreto e tímido contrastava com a sensibilidade expectante de Ursula. As pessoas da terra, constrangidas pelas maneiras sóbrias e pela perfeita paz de espírito de Gudrun, classificavam-na de «senhora distinta». Havia chegado recentemente de Londres, onde estivera alguns anos a frequentar uma escola de belas-artes e as oficinas dos artistas.

— Esperava agora que aparecesse um homem — disse ela, de súbito, mordendo o lábio inferior e fazendo uma careta, entre séria e cómica. Ursula sobressaltou-se.

— E vieste para casa na esperança de o encontrar aqui? — inquiriu esta.

— Minha querida Ursula, não me daria ao trabalho de o procurar — respondeu com voz estridente. — Mas, se acontecesse surgir um, pessoalmente sedutor e de razoáveis posses, então... — Não acabou a frase e olhou para a irmã, como para a experimentar. — Não achas que te estás a aborrecer já? Não te parece que as coisas se nos escapam? Nada se define, tudo murcha ainda em botão.

— O quê?

— Ora, tudo... nós mesmas... as coisas em geral. — Houve uma pausa, durante a qual as duas irmãs consideraram vagamente o seu destino.

— Assustas-me — disse Ursula. Sucedeu novo silêncio. — Mas esperas, através do casamento, atingir algum fim?

— Parece-me que é, de forma inevitável, o que nos resta fazer — retorquiu Gudrun. Ursula pôs-se a pensar, com ar de tristeza. Havia alguns anos que estava como professora no Instituto de Instrução Primária de Willey Green.

— Assim julgamos, quando tomamos o caso pelo lado teórico. Mas, agora, admite a realidade: põe na tua imaginação um homem a entrar em casa todas as noites, a dizer *ora viva!* e a dar-te um beijo.

Durante momentos não pronunciaram palavra.

— De facto — começou Gudrun, com voz sumida —, não concebo semelhante coisa. A ideia do homem desconcerta-me.

— Já se sabe, viriam depois os filhos... — arriscou a outra.

A expressão de Gudrun tornou-se dura.

— Na verdade, desejarias ter filhos, Ursula? — indagou ela friamente, e a irmã sentiu-se confusa, perturbada.

— Ainda estou muito verde para isso — respondeu.

— É a tua opinião? Eu cá não me habituo à ideia de vir a ter crianças.

Disse isto e olhou para a sua interlocutora com ar inexpressivo, como se houvesse afivelado uma máscara. A outra carregou o sobrolho. — Talvez — continuou Gudrun, titubeando — eu não tivesse sido sincera. Talvez fosse um sentimento superficial a que o coração se conservou alheio. — Mostrava-se carrancuda. Não lhe convinha definir-se com muita precisão.

— Quando se pensa nos filhos dos outros... — insinuou Ursula.

Fitaram-se novamente, e Gudrun quase com hostilidade.

— Pois seja — disse ela pondo remate na conversa.

Continuaram a trabalhar em silêncio; Ursula tinha sempre, no olhar, um brilho estranho, como se ali houvesse uma chama prisioneira, ansiosa por fugir. Vivia muito para si própria, entretendo-se consigo, ensinando, vendo decorrer os dias, sempre com o espírito em acção, procurando dominar a vida e compreendê-la. A actividade da sua existência estava como que suspensa, mas do sombrio recôndito alguma coisa se preparava para vir. Se ao menos lhe fosse possível quebrar as derradeiras peias que a detinham! Parecia esforçar-se e distender as mãos como uma criança no ventre da mãe. Mas era tudo ainda prema-

turo! Possuía, contudo, um vago pressentimento, a insinuação do que estava para surgir.

Pousou o trabalho e olhou para a irmã. Achou Gudrun encantadora, infinitamente deliciosa na sua delicadeza, na sua graça, na adorável perfeição da pele e na pureza de linhas. Havia nela muita jovialidade, com leves tintas de ironia, sem deixar de ser naturalmente circunspecta. Ursula admirava-a de toda a sua alma.

— Porque voltaste para casa, Prune?

Gudrun sentia quanto era objecto de apreço. Recostou-se mais, desviando a vista do desenho e fixando a irmã por entre os cílios finos e recurvos.

— Porque voltei, Ursula? — repetiu ela. — A mim mesma fiz essa pergunta milhares de vezes.

— E não sabes responder?

— Creio que sei. Imagino que o meu regresso consistiu precisamente em *reculer pour mieux sauter*.

Disse isto e demorou em Ursula um lento olhar carregado de experiência.

— Calculo bem — notou esta, levemente perturbada e com ar de dissimulação, como se nada soubesse. — Mas como se pode aqui formar o salto?

— Isso não importa —olveu Gudrun, afectando superioridade. — Se saltamos a barreira, temos de cair em qualquer parte.

— Não é muito arriscado?

No rosto de Gudrun desenhou-se pouco a pouco um sorriso de mofa.

— Ora! — disse ela, rindo. — Palavras e mais nada. — E, uma vez mais, suspendeu a conversa. Ursula, porém, continuava a meditar.

— E que tal achas a casa, agora que voltaste?

Gudrun reflectiu sossegadamente durante uns segundos, antes de responder. Depois, num tom sincero e tranquilo, retorquiu:

— Sinto-me nela como uma estranha.

— E o pai?

Gudrun olhou para Ursula quase com ressentimento e desespero.

— Não pensei nele. Tenho-o evitado — respondeu friamente.

— Compreendo — murmurou Ursula. E o colóquio ficou de vez por ali. Dir-se-ia que entre as duas irmãs se havia cavado um abismo, por cima do qual se contemplavam.

Trabalharam ainda uns momentos sem nada dizerem. As faces de Gudrun haviam-se ruborizado pela comoção que ela procurava reprimir e no receio de que os seus sentimentos transparecessem.

— Vamos lá fora ver o casamento? — propôs daí a pouco, num tom de voz meramente casual.

— Vamos! — exclamou Ursula, com vivacidade, arremessando a costura e precipitando-se como para fugir a qualquer coisa, e mostrando assim o mal-estar que a conversa lhe havia causado. Os nervos de Gudrun ressentiram-se desse gesto.

Ao subir ao andar superior e ao entrar no quarto, Ursula compenetrava-se de tudo quanto a rodeava. Quanto ódio tinha a esse ambiente familiar e aborrecido! E chegou a afligir-se dessa má vontade contra o meio em que se achava, da própria atmosfera e de todas aquelas condições de vida obsoleta. Sentia-se apavorada.

Instantes depois, as duas raparigas seguiam, em passos rápidos, pelo caminho principal de Beldover — rua larga, ladeada em parte pelas lojas de comércio, em parte pelas casas de habitação, o mais sórdida e desengraçada possível, embora sem aspectos de pobreza. Gudrun, chegada havia pouco de Chelsea e de Sussex, impressionava-se bastante com essa fealdade amorfa de cidadezinha de mineiros dos Midlands. Contudo lá ia andando, através de toda aquela mesquinhez, através da rua arenosa e torpe. Ia exposta a todos os olhares pasmados, como quem se força voluntariamente a um tormento. Parecia coisa estranha ter querido regressar, sujeitando-se ao resultado de tantas deselegâncias! Por que motivo consentira em se expor dessa forma à insuportável tortura daquele cenário ignominioso, à presença da gente desagradável, nesse recanto incaracterístico da província? Experimentava a sensação que deve ter um escaravelho lutando contra a poeira. Tudo isso lhe fazia náuseas. Mudaram então de rumo e contornaram a mancha escura de uma horta, onde troncos de couve fuliginosos se erguiam impudentemente. Ninguém pensava sequer em ter vergonha; ninguém tinha vergonha de nada.

— É como um país subterrâneo — disse Gudrun. — Os mineiros trazem-no aos poucos cá para cima e espalham-no em redor. Ursula, isto afinal é maravilhoso, realmente maravilhoso: é um mundo ao contrário. Os homens são vampiros e as coisas são todas espectrais. Não há nada que não seja uma réplica fantástica do mundo real, uma réplica alterada e ignóbil. Tal e qual se estivéssemos todos loucos.

Caminhavam agora por uma vereda escura, através da terra negra e imunda. À esquerda estendia-se a paisagem ampla, o vale com as hulheiras, e, nas colinas em frente, campos de trigo e bosques, negros à distância, como se tudo fosse visto por trás de um véu preto. O fumo, branco ou mais carregado, elevava-se em colunas densas, com aspec-